

Lukács, Lenin e o Caminho para Marx:

Apontamentos
Anderson Deo

Como citar: DEO, A. Lukács, Lenin e o Caminho para Marx: Apontamentos. *In* : DEO, A.; MAZZEO, A. C.; ROIO, M. D. (org.). **Lenin** : teoria e prática revolucionária. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.367-383. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-680-0.p367-383>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

LUKÁCS, LENIN E O CAMINHO PARA MARX: APONTAMENTOS

Anderson Deo

I

O texto que aqui apresentamos procura analisar o encontro político-filosófico do pensador marxista György Lukács com Vladimir I. Ulyanov, mais conhecido pelo seu codinome revolucionário, Nicolai Lenin. O que discutiremos são os resultados de leituras preliminares de projeto de pesquisa em desenvolvimento, cujo núcleo da análise é a possível similaridade entre os autores no que diz respeito à Teoria do Reflexo. Cabe dizer que, como forma de introdução ao debate, tais apontamentos buscam discutir e identificar o momento inicial de influência de Lenin sobre as formulações de Lukács. A hipótese por nós levantada é a de que essa aproximação se inicia no bojo das transformações alavancadas pela Revolução Russa, a partir de 1917, dando início a um processo de inflexão teórica nas formulações do filósofo húngaro, que contribuiu decisivamente para sua adesão à teoria social de Karl Marx.

Do ponto de vista biográfico, este momento coincide, portanto, com sua adesão ao marxismo, bem como, com o trânsito teórico-conceitual presente em suas publicações *História e consciência de classe* (1923), e do opúsculo *Lenin – um estudo sobre a unidade de seu pensamento* (1924). Para o presente trabalho, nos concentraremos nas formulações deste segundo texto, buscando compreender o processo de elaboração teórica (re-

produção/negação/superação) do autor, que o levaria “até Marx”. Trata-se, portanto, de debate teórico que busca apontar os núcleos constitutivos da “viragem” filosófica de Lukács, as implicações desta na posterior obra do autor, bem como em suas formulações e ações políticas.

II

A Revolução Bolchevique, em 1917, impactou decisivamente a trajetória intelectual e política de György Lukács. O entusiasmo com que o autor recebe as notícias vindas da Rússia produziu a mais importante ruptura de toda sua vida (NETTO, 1983). O ingresso nas fileiras do Partido Comunista da Hungria, no momento de sua fundação¹, ilustra com clareza o início desse processo de ruptura, que terá continuidade nos dez anos seguintes, onde o autor se dedica à intensa militância política. É nesse período que se processa nas elaborações lukacsianas um claro “acerto de contas” consigo mesmo. Trata-se da ruptura com seu passado intelectual, das “obras de juventude”, que transitaram entre o idealismo kantiano, da grande influência da sociologia compreensiva, da filosofia de Hegel, para um período de profunda absorção da obra de Karl Marx, que redundariam num vigoroso acúmulo teórico, expresso na vitalidade criativa de sua “obra madura”, constituindo-se como uma inflexão de caráter ontológico. Apontaremos a seguir, em linhas gerais, as referidas influências sobre sua obra nessa fase inicial para, em seguida, demarcar o processo de ruptura.

Se é verdade que a recusa radical dos padrões de sociabilidade do mundo burguês já estava presente na sua obra de juventude, tal crítica era permeada por um conteúdo romantizado, cuja influência teórica transitou entre as exigências morais próprias do universo kantiano e a sociologia

¹ Sob a liderança de Béla Kun, o Partido Comunista da Hungria foi fundado em 24 de novembro de 1918. O ingresso de Lukács no PC ocorreu no dia 2 de dezembro do mesmo ano. Importante ainda destacar que em 21 de março de 1919, um movimento revolucionário derrubou a monarquia e proclamou a República Húngara dos Conselhos, liderada pelo mesmo Béla Kun e pelo PC húngaro, em aliança com o Partido Social Democrata. Lukács foi nomeado Vice-Comissário do Povo para a Cultura e Educação Popular. Mesmo que com efêmera duração – a República dos Conselhos foi derrotada 133 dias depois pelas forças fascistas lideradas por Miklós Horthy, em 6 de agosto de 1919 –, a experiência de Lukács à frente do cargo equivalente a Ministro da Educação se constituiu como seu “batismo de fogo da prática política”, pois esta “deixava de ser um imperativo da consciência moral e o pensador idealista, recém convertido ao marxismo mal assimilado, estava às voltas com a tarefa de intervir na ‘árida realidade’” (FREDERICO, 1997, p. 10).

inaugurada por Toennies – o primeiro a propor a diferenciação e a oposição entre *comunidade* (a tradição) e a *sociedade* (a ordem social embasada na economia capitalista, caracterizado pela racionalidade e pela impessoalidade) (NETTO, 1983). Estes elementos teóricos delineiam as formulações da primeira grande obra de Lukács, a *História da evolução do drama moderno*, finalizada em 1908, mas que veio a público em 1911. Aqui se apresenta uma crítica apaixonada aos valores e costumes burgueses, mas que são entendidos como uma realidade inexorável (o caráter “romântico” da crítica se encontra no fato de tal recusa não transcender ao nível da essência dos fenômenos sociais).

Ainda nesse momento, que identificamos como o período de “juventude” intelectual de nosso autor, observamos o trânsito teórico entre Kant e Hegel, expresso na obra *A teoria do romance*, publicada em 1916. O contato com as elaborações hegelianas ocorreu durante sua estadia em Heidelberg, entre 1913 e 1915, e lhe fora proporcionado pelas mãos de Ernst Bloc. A visão a-histórica, própria do universo kantiano, entra em choque com as formulações de Hegel, sobretudo pela influência da dialética hegeliana, que aguça as exigências morais de Lukács, radicalmente humanista e antiburguesas (NETTO, 1983). Fundamental às suas formulações futuras, a categoria da *totalidade* é incorporada neste trabalho, absorvida a partir de suas leituras de Hegel.

Uma das características fundamentais da elaboração lukacsiana em sua obra de maturidade é a preocupação com o movimento do real/concreto. Tal preocupação – assim como em Marx² - será determinante para o filósofo húngaro, no momento em que este inicia o processo de ruptura com sua “fase idealista”. O que aqui afirmamos é que ao confrontar suas elaborações teóricas com os processos históricos – portanto, com a realidade concreta – Lukács é impactado profundamente em suas formulações, pois, de algum modo, estas não são suficientes, e não conseguem captar a dinâmica do “mundo dos homens”, na relação fundamental entre essência e aparência das coisas, dos fenômenos sociais. Talvez seja esse o

² É conhecida a passagem em que Marx faz referência à sua preocupação em tomar “parte na discussão sobre os chamados interesses materiais” (MARX, 1974, p. 134), ao referir-se à questão da lenha, envolvendo os camponeses do Vale do Moselle, sobre o parcelamento da propriedade fundiária, sobre o livre comércio e a questão aduaneira, e como estes temas o impeliram ao estudo e análise das questões econômicas (MCLELLAN, 1990, p. 67-72).

principal efeito causado pela Revolução Russa na trajetória do autor. Dito de outra maneira, os acontecimentos desencadeados a partir de outubro de 1917, impulsionam uma revisão autocrítica nas formulações de Lukács, que serão acompanhadas de uma intensa militância política e da leitura e aprofundamento da obra teórica de Marx. Segundo José Paulo Netto,

Ao longo de toda a sua vida, *esta* foi a ruptura mais decisiva sofrida por Lukács – concretizou a opção que determinaria todo o perfil da sua *obra madura*. Foi o *salto qualitativo* que o conduziu para as trincheiras do movimento operário revolucionário e lhe permitiu elaborar uma *concepção dialética* da história, da sociedade e da cultura. Mas que não significou o abandono das suas preocupações *juvenis*: estas reaparecerão intermitentemente no desenvolvimento de sua reflexão, resgatadas e tratadas sob novas luzes (1983, p. 27-28).

Como seria próprio de suas elaborações futuras, este momento se constituiu como um *processo* de ruptura, iniciado em 1918, constituído de “corte e continuidade, rompimento e conservação”. Sendo assim, tal ruptura só pode ser compreendida “mediante a categoria hegeliana da *Aufhebung*: simultaneamente preserva, nega e supera” (NETTO, 1983, p. 28).

Tais elementos já podem ser observados em seu escrito de 1918, *O bolchevismo como problema moral*. As inquietações do “jovem Lukács” identificam o proletariado como a força capaz de resolver as antinomias pela destruição da realidade capitalista. A partir de então, independente dos acertos e de possíveis equívocos presentes em suas análises, Lukács terá seu nome vinculado à história do movimento comunista.

Referimo-nos anteriormente à intensificação da leitura de Marx, elaborada por Lukács, a partir de 1918. Mas é também nesse período que o filósofo húngaro toma contato com a obra de Lenin, cuja influência será marcante em sua trajetória. O que passamos a discutir, a partir da análise sobre a obra *Lenin – um estudo sobre a unidade de seu pensamento*³, é a adesão de Lukács ao marxismo e a importância de Lenin nesse processo.

³ Os apontamentos sobre as influências iniciais de Lenin na obra lukacsiana serão por nós analisados a partir do referido opúsculo, como afirmado na introdução desta comunicação. Cabe apontar, no entanto, que tais elementos não se limitam ao livreto de 1924, pelo contrário, são elementos iniciais – com alguns problemas de ordem teórica, inclusive – que procuraremos apontar, mas que serão encontrados em vários outros textos ao longo de sua trajetória intelectual. À medida de nossas necessidades – respeitados os limites do presente texto

III

Podemos identificar uma “primeira fase marxista” das elaborações de Lukács, no interregno entre 1918 e 1925/1926. Segundo Miguel Vedda, na Apresentação da edição brasileira de *Lenin* (2012), este é um período ainda de grandes deficiências, derivadas do período “pré-marxista”, e que só seriam superadas nos textos *A nova edição das cartas de Lassale* (1925) e *Moses Hess e o problema da dialética idealista* (1926). Em linhas gerais, tais deficiências se expressavam através da defesa, por parte de Lukács, de um *rigorismo ético*, pautado na convicção da existência de um abismo insanável entre os princípios morais autênticos e a realidade empírica de então. Tais princípios diziam respeito a mais “pura moral comunista”, defendida pelo filósofo húngaro em seus primeiros estudos marxistas. Lukács constrói assim uma espécie de muralha – intransponível, diríamos – entre a ordem burguesa e a pureza ética comunista. Segundo Vedda (2012, p. 10), tal propositura, encontrada em seu primeiro trabalho de corte marxista, *Tática e ética*, de 1919, “limita-se, pois, a postular um voluntarismo não menos radical que o oportunismo economicista propulsado pelos sociais-democratas”.

Já em *Sobre a questão do parlamentarismo*, de 1920, nosso autor defende que seria necessário preservar a “pureza ética do comunismo” de todo e qualquer contato com as instituições burguesas, o que expressa, mais uma vez, um conteúdo voluntarista, de caráter ideal. Ao criticar a participação dos comunistas em instituições burguesas, expressamente o parlamento, Lukács procurava argumentar que o que deve mover a “tática comunista” é o princípio – ou conjunto de princípios – fundamental à realização do próprio comunismo. Assim, desde as primeiras linhas do referido texto, envolveu-se numa rigidez de princípios, próprio de quem busca um comportamento puro, ilibado moralmente, de acordo com os supostos fundamentos da “ética e moral comunistas”. Tais formulações trazem consigo um conteúdo marcadamente abstrato, como podemos observar na passagem a seguir:

– faremos referência a alguns destes títulos. Passamos a citar a obra com *Lenin*, em itálico, para diferenciar as referências ao líder comunista, propriamente.

Afirma-se agora, universalmente, que a questão do parlamentarismo não é uma questão de princípios, mas meramente tática. Apesar de sua indubitável veracidade, esta tese padece, no entanto, de clareza em vários aspectos. [...] Em especial, porque – como consequência da ausência de uma verdadeira epistemologia socialista – a relação entre uma questão tática e os princípios, não foi esclarecida ainda, em absoluto.

E prossegue, afirmando que

A tática significa a aplicação prática dos princípios determinados na forma teórica. A tática é, por consequência, o nexos de união entre a postulação de um fim e a realidade imediatamente dada. Encontra-se determinada, pois, a partir de duas perspectivas. Por um lado, através dos princípios e das postulações dos fins, inapelavelmente determinados pelo comunismo. Por outro, através da realidade histórica em contínua transformação. Embora se tenha dito repetidas vezes sobre a grande ductilidade da tática comunista [...], não há que se esquecer, para uma compreensão adequada dessa tese, que *a ausência de rigidez da tática comunista é a consequência direta da rigidez dos princípios do comunismo*. (LUKÁCS, 2005, p. 68-69).

O próprio Lenin fez duras críticas ao conteúdo subjetivista impresso no artigo, apresentando seus argumentos três meses depois da publicação de Lukács, no panfleto *Esquerdismo, doença infantil do comunismo* (1920). Mesmo que este escrito não seja direcionado especificamente ao texto do filósofo húngaro, a crítica elaborada por Lenin atinge o núcleo da argumentação presente em *Sobre a questão do parlamentarismo*. É o que podemos observar nas passagens a seguir, quando Lenin se dirige aos comunistas “de esquerda” alemães, argumentando sobre a necessidade de o proletariado participar dos parlamentos burgueses:

Participamos das eleições ao parlamento burguês da Rússia, à Assembleia Constituinte, em setembro-novembro de 1917. Nossa tática estava correta ou não? Se não estava, é preciso dizê-lo com clareza e demonstrá-lo; isso é indispensável para que o comunismo internacional elabore a tática correta. Se estava, é preciso tirar as conclusões que se impõem. Naturalmente, não se trata, de modo algum, de equiparar as condições da Rússia às da Europa Ocidental. Mas quando se trata em particular do significado da ideia de que “o parlamentarismo caducou politicamente”, é indispensável levar em conta com exatidão a

nossa experiência, pois sem considerar uma experiência concreta, estas ideias convertem-se muito facilmente em frases vazias.

Observamos que Lenin, fiel ao conteúdo analítico marxiano sintetizado na correta expressão da “análise concreta da realidade concreta”, busca argumentar que, mesmo com o proletariado “às portas” do Palácio de Inverso, o Partido Bolchevique participa das eleições do parlamento burguês, da Assembleia Constituinte, como forma de explicitar todos os limites daquela instituição, e a necessidade de sua superação. E conclui o argumento:

Por acaso nós, bolcheviques russos, não tínhamos, em setembro-novembro de 1917, *mais* direito que todos os comunistas do Ocidente de considerar que o parlamentarismo havia sido superado politicamente na Rússia? Tínhamos, sem dúvida, pois a questão não se baseia em se os parlamentos burgueses existem há muito ou há pouco tempo, mas sim em que medida as massas trabalhadoras estão *preparadas* (ideológica, política e praticamente) para adotar o regime soviético e dissolver (ou permitir a dissolução) do parlamento democrático-burguês. (LENIN, 2014, p. 96-97).

Como procuramos argumentar, trata-se ainda de resquícios de um *anticapitalismo romântico*, que o autor magiar trazia consigo das elaborações teóricas de sua fase anterior.

É o que se percebe, também, em *História e consciência de classe*, de 1923, quando constatamos uma série de deficiências, derivadas, em parte, da insuficiência de conhecimento da própria obra de Marx – como o próprio Lukács admitiria, em 1967 (VEDDA, 2012, p. 11). Em linhas gerais, a questão da análise da consciência de classe, sofrerá os efeitos da posição, ainda presente, fundada no rigorismo ético e na desatenção pela vida cotidiana dos homens. Observamos uma considerável abstração em tais formulações, pois Lukács promove uma oposição entre aquilo que define como crise ideológica do proletariado – que seria o equivalente a uma falsa consciência, derivada da consciência empírica e “psicológica” da classe trabalhadora – e a *consciência atribuída*, ou seja, a verdadeira, a perfeita e pura consciência de classe. Vedda assevera ainda, que é possível observar uma importante influência da sociologia de Weber sobre a categoria lukacsiana de *consciência atribuída*,

O problema é, por um lado, que os tipos ideais weberianos divergem substancialmente da metodologia de Marx, com a qual queria adaptá-los o jovem Lukács; por outro, que a consciência atribuída, como tipo ideal contraposto à realidade concreta, não faz mais do que reeditar as linhas idealistas dominantes na obra precedente. (VEDDA, 2012, p. 12).

Sendo assim, podemos concluir que não há nenhuma conexão entre a *consciência atribuída* e a vida cotidiana do proletariado, sendo que os artigos de *história e consciência de classe*, segundo Vedda, não podem oferecer nenhuma mediação concreta entre a teoria e a práxis.

Toda essa abstração em relação ao mundo real e concreto dos trabalhadores se complementa com o rigorismo ético, apontado acima, quando Lukács trata do Partido Comunista. Observamos uma concepção de partido de teor sectário, que propugna que a práxis militante deve dissolver totalmente a personalidade individual dos membros do partido, pois para se alcançar a realização do “reino da liberdade”, seria necessário suspender todas as liberdades individuais. A abstração ideal também se faz presente nessa formulação, pois postula que os revolucionários compõem uma vanguarda acima da classe, capazes de encarnar a consciência de classe autêntica. O próprio Marx já havia superado tais proposições, de forma crítica, ao postular que o partido revolucionário deveria representar os interesses do proletariado a partir de suas próprias demandas, e não o contrário, como propostas vindas “de cima” ou “de fora” do universo do trabalho⁴.

De qualquer forma, é importante afirmar que, mesmo com os problemas por nós aqui apontados – e outros que extrapolam o formato do presente texto –, problemas estes exaustivamente revistos e superados pelo próprio Lukács, no importante prefácio à edição de 1967, *História e consciência de classe* se constitui como um clássico da literatura marxista do século XX, tendo alçado as elaborações de Marx ao patamar de teoria filosófica, o que por si só, já é de tamanho significado. E no processo de adesão ao marxismo, em seus passos seguintes, Lukács já promove inflexões decisivas em suas elaborações. É o que observamos em *Lenin – um estudo sobre a unidade de seu pensamento*.

⁴ Para uma primeira aproximação da discussão da teoria do partido em Marx, veja-se, entre outros: (LÖWY, 2012) e (DEO, 2014).

Devido às modestas pretensões do presente trabalho, aqui nos limitaremos a apontar alguns aspectos que já aparecem no opúsculo de 1924 e que, mesmo que não estejam plenamente desenvolvidos – pois seriam objetos de tratamento pelo autor húngaro durante toda sua vida, alcançando formulações definitivas em sua obra de maturidade – já denotam importantes transformações em seu pensamento, mesmo quando comparado com sua obra imediatamente anterior à fase marxista. Especificamente, trataremos de três questões: da concepção de *partido*, da consequente ruptura com o *sectarismo político* e do tema da *vida cotidiana*.

IV

Como apontando anteriormente, a hipótese da qual partimos indica para o opúsculo *Lenin* como um momento inicial de decisiva “viragem” teórico-política na trajetória de Lukács. Segundo Vedda (2012), o texto nos apresenta uma leitura “*sui generis* do líder bolchevique”, na medida em que destaca uma série de aspectos que pouco se aproxima da “versão produzida pelo stalinismo”. A obra traz consigo – ou reafirma – alguns elementos de sua leitura marxista “da primeira fase” – que duraria até meados dos anos 1920 –, em parte, como forma de responder aos críticos de *História e consciência de classe*, que a caracterizaram como uma obra antagonista à teoria e à práxis leninistas. Mas mesmo quando se mantém muito próxima do universo de *História e consciência de classe*, *Lenin* apresenta algumas diferenças significativas em relação à produção teórica presente em escritos imediatamente anteriores (mesmo aqueles já identificados como de filiação marxista). Ainda segundo Vedda, algumas análises sobre as rupturas e continuidades entre *História e consciência de classe* e *Lenin*, pautaram-se num duplo equívoco: ou identificaram uma mera continuidade entre as duas obras, ou uma simples oposição radical entre ambas⁵.

Assim, seguindo o argumento de Vedda, podemos identificar que o sectarismo lukacsiano está presente principalmente nos últimos capítulos

⁵ Vedda faz referência à leitura de “Andrew Arato e Paul Breines, *El joven Lukács y los orígenes del marxismo occidental* (trad. Jorge Aguilar Mora, México, Fondo de Cultura Económica, 1986) e de Werner Jung, *Georg Lukács* (Stuttgart, Metzler, 1989)” (In: LUKÁCS, 2012, p. 16), especificamente as notas 20, 21 e 22.

de *História e consciência de classe*, sendo que em *Lenin* a ênfase sobre a disciplina revolucionária se encontra “contrabalanceada por repetidas e enfáticas exortações”, sobre a necessidade de o revolucionário – e o partido – não perderem o contato com o conjunto da classe. Dessa forma, no opúsculo de 1924, Lukács continua com a mesma posição em relação aos quadros dirigentes do partido, cuja escolha deve ser pautada no grau de consciência de classe dos indivíduos, bem como de sua dedicação incondicional à revolução, ao reafirmar a “mais rigorosa escolha dos membros do partido, em relação à clareza da consciência de classe e à dedicação incondicional à causa da revolução” (LUKÁCS, 2012, p. 54). Mas já é possível observar um elemento totalmente novo em suas formulações, cuja influência das leituras do revolucionário russo nos parecem evidentes, quando afirma que a referida clareza (consciência de classe) e dedicação às tarefas da revolução “tem de ser conjugada com a completa fusão à vida das massas que sofrem e lutam” (LUKÁCS, 2012, p. 54). E continua, dizendo que

A organização do partido do proletariado só pode ser compreendida de fato quando se conhece o contexto histórico em que ele tem de atuar. [...] Como o partido, a partir do conhecimento da totalidade da sociedade, representa o interesse de todo o proletariado (e, portanto, os interesses de todos os explorados, o futuro da humanidade), *ele tem de reunir em si todas as oposições que expressam essas tarefas postas pelo centro da sociedade considerada em sua totalidade.* (LUKÁCS, 2012, p. 54, grifos nossos).

Ao afirmar que o partido deve “reunir em si todas as oposições” nos parece claro que Lukács se distancia daquela posição esquerdista de seus textos anteriores, pois aponta à possibilidade – e necessidade – da composição de alianças políticas, diante de situações concretas colocadas pela totalidade histórica.

Ainda se referindo à relação entre o partido e as massas, aponta para uma característica fundamental que o aproxima, no nosso entendimento, das concepções de Lenin – que derivam, por sua vez, das de Marx –, ao afirmar que a consciência imediata do proletariado é condicionada e delimitada pelas condições materiais, da sua relação objetiva com a imediatez do mundo da produção e, portanto, limitada à sua condição – no máximo – econômica. O partido revolucionário tem a função de propiciar os elementos constitutivos de uma análise teórica

que a consciência imediata do proletariado, absorvido pelo cotidiano da produção, não produziria espontaneamente. Mas essa análise teórica, que elevaria a consciência da classe a outro patamar de intervenção política, não é aqui, no texto de 1924 – diferentemente dos escritos anteriores –, “descolada” ou “desconectada” da realidade concreta do próprio proletariado. Lukács aponta, inclusive, para o que poderíamos identificar como o “caráter pedagógico” da luta de classes, ao afirmar que “as massas só podem aprender agindo” e “é somente na luta que se tornam conscientes de seus interesses” (LUKÁCS, 2012, p. 54)⁶. E conclui afirmando que

O partido dirigente do proletariado só pode cumprir sua missão se, nessa luta, ele estiver sempre um passo à frente das massas em luta, a fim de lhes indicar o caminho a ser percorrido. Contudo, *sem jamais se distanciar mais do que um passo*, para se manter sempre como o líder da luta. Assim, sua clareza teórica só tem valor quando não se limita à correção geral meramente teórica da teoria, mas faz com que esta culmine na *análise concreta da situação concreta*; quando, portanto, a retidão teórica expressa apenas a direção da situação concreta. (LUKÁCS, 2012, p. 54-55, grifos nossos).

Atentemo-nos para o trecho “sem jamais se distanciar mais do que um passo”. A concepção de partido como “vanguarda do proletariado” se faz presente, mas com o cuidado de que esta vanguarda só pode estar nessa condição porque elabora a devida compreensão da “análise concreta da situação concreta” da luta de classes, desde a perspectiva do proletariado, que luta pela superação de sua condição de classe universalmente explorada e, portanto, luta pela universalização da emancipação humana. E concluí afirmando que o partido tem “de ter a clareza e a firmeza teóricas para se manter no caminho correto a despeito de todas as oscilações das massas”, ao mesmo tempo em que deve “ser elástico e receptivo o suficiente para detectar em todas exteriorizações das massas, mesmo confusas, as possibilidades revolucionárias” presentes na totalidade histórica, mesmo que as massas não sejam/estejam conscientes de tais processos (LUKÁCS, 2012, p. 55).

Também em *Lenin*, observamos as preocupações de um Lukács que passa a tratar as questões relativas à realidade material, que passa a se

⁶ Percebemos ainda, laivos de espontaneísmo.

preocupar, cada vez mais, com a questão da *vida cotidiana* dos homens⁷ e, sobretudo, com as questões sociais pertinentes ao proletariado. Não se trata aqui de propor uma leitura anacrônica da categoria “vida cotidiana” na obra de Lukács, mas de reconhecer que, ao se dedicar à compreensão do mundo real dos homens, mais especificamente, às relações materiais e espirituais do proletariado, o filósofo húngaro indica outro aspecto que caracterizaria seu momento de inflexão teórica no período: aqui precisamente, começa a superar sua conceituação anterior de vida cotidiana como sinônimo de alienação – no sentido mesmo de “falsa-consciência” – que impossibilitaria qualquer forma científica de compreensão da realidade, sobretudo ao proletariado, que estaria impossibilitado de “enxergar” para além das falsificações de sua vida imediata. Tal concepção, herdada da fase pré-marxista, começa a ser superada na medida em que o autor passa a discutir a relação entre consciência de classe do proletariado e partido revolucionário, como procuramos demonstrar anteriormente. De qualquer forma, como nos assevera Vedda, somente nos textos de 1925/1926 – apontados acima – tais questões assumem contornos precisos.

No nosso entendimento, são as preocupações do “último” Lenin⁸, quando este reflete sobre a necessidade de retomada e aprofundamento da “democracia dos conselhos operários”, diante do – já perceptível – processo de burocratização⁹, que viria a se consolidar com o período stalinista,

⁷ Como afirmamos anteriormente, muitos dos temas tratados pelo “jovem Lukács”, mesmo antes de sua inflexão ao marxismo, o acompanharam durante toda sua trajetória intelectual, alcançando formulações definitivas, com alto grau de complexidade, em suas obras de maior envergadura. A questão da *vida cotidiana* foi um desses temas, cuja formulação lukácsiana apresentou contornos definitivos em sua *Estética*, de 1963.

⁸ Alguns desses últimos escritos, em formato de cartas, em sua maioria, podem ser encontrados na coletânea: LENIN, V. I. Últimos escritos e diários das secretárias. São Paulo: Ed. José Luis e Rosa Sundermann, 2012.

⁹ O discurso de Lenin na “sessão conjunta de delegados ao VIII Congresso dos Sovietes e de membros do Conselho Central dos Sindicatos da Rússia e do Conselho de Sindicatos de Moscou militantes do PC(b) da Rússia”, de dezembro de 1920, publicado com o título de *Sobre os sindicatos, o momento atual e os erros de Trotsky*, apresenta vários argumentos sobre o referido processo de burocratização, bem como aponta para os equívocos de membros do Comitê Central, sobretudo Trotsky, quando este passa a defender a incorporação dos sindicatos à máquina estatal. O trecho a seguir aponta para tais preocupações de Lenin: “Porém há mais alguma coisa. No programa de nosso Partido — documento que o autor do “O ABC do Comunismo” conhece muito bem — já assinalamos que nosso Estado é operário *com uma deformação burocrática*. Tivemos que pendurar-lhe — como diria eu? — esta lamentável etiqueta, ou coisa parecida. É esta a realidade do período de transição. Pois bem, será que diante desse tipo de Estado, que praticamente se consolidou, nada têm os sindicatos a defender? Pode-se dispensá-los na defesa dos interesses materiais e espirituais do proletariado organizado em sua totalidade? Esta seria uma opinião completamente errada do ponto de vista teórico. Isto nos levaria às regiões da abstração ou de um ideal que alcançaremos no fim de quinze ou vinte anos, embora eu não esteja seguro de que o alcançaremos precisamente neste prazo. Temos diante de nós uma realidade que conhecemos bem, se não perdemos a cabeça, se não nos deixamos levar por especulações pretensamente intelectuais, ou por raciocínios abstratos, ou por

que passaram a orientar as formulações do filósofo húngaro. Toda essa nova formulação está permeada pelo pressuposto leniniano – e também marxiano – da “análise concreta da situação concreta”. Tal preocupação com a democracia dos conselhos seria objeto de análise de Lukács em vários de seus escritos posteriores, alcançando uma formulação madura em texto de 1968, intitulado *O processo de democratização* (2008), quando o autor defende o princípio da “democracia da vida cotidiana”, onde a autogestão democrática deveria estender-se aos níveis mais simples das relações humanas, como forma de resposta à crise política pela qual passavam as experiências socialistas, crise esta aberta pela divulgação dos “Processos de Moscou”, após a morte de Stálin, em 1953. Ao discutir os possíveis avanços promovidos pela socialização da produção, introduzidas pelo socialismo, Lukács afirma:

[...] a novidade determinante está no modo pelo qual este trabalho excedente é capaz, no plano econômico objetivo e no *plano da subjetividade humana*, de transformar a vida dos homens tanto externa quanto internamente. Para repetir o que já disse: a chamada humanização das condições de trabalho, que ocorre também no atual capitalismo, é o meio através do qual os homens são adaptados aos modos de trabalhar existentes (ou a serem criados), capazes de intensificar a exploração ou de torná-la mais “suave”. No caso da passagem do socialismo ao comunismo, ao contrário, trata-se de adaptar o modo de trabalhar à essência adequada do homem, à sua dignidade, à sua capacidade de realização enquanto homem.

E avança, no sentido de demonstrar como novas relações de produção deveriam – ou poderiam – dar origem a novas formas de sociabilidade:

Estamos diante, portanto, de uma reestruturação do processo econômico enquanto tal, mas com finalidades – a serem materialmente realizadas – que já não são mais, em sua essência, meras categorias econômicas. [...] Estes resultados, para serem exequíveis na prática, devem evidentemente estar de acordo com as exigências da produção, mas não podem decorrer diretamente dela. Como Lenin costumava dizer, eles devem ser trazidos de fora da produção imediata. E é precisamente esta a função específica da democracia socialista. Esta particular função

alguma coisa que às vezes parece “teoria”, mas que na realidade é um erro, uma falsa apreciação das particularidades do período de transição. Nosso Estado de hoje é tal que o proletariado organizado em sua totalidade deve defender-se, e nós devemos utilizar estas organizações operárias para defender os operários em face de seu Estado e para que os operários defendam nosso Estado. Uma e outra defesa são realizadas através de uma combinação original de nossas medidas estatais e de nosso acordo e “entrelaçamento” com nossos sindicatos.” Disponível em: <www.marxists.org/portugues/lenin/1920/12/30.htm>. Acesso em: 1 jul. 2015.

social determina o caráter desta democracia, ou seja, suas diferenças específicas com relação a todas as democracias próprias de formações sociais anteriores, baseadas na propriedade privada, na exploração e na alienação, particularmente com relação à democracia existente no capitalismo. (LUKÁCS, 2008, p. 183-184).

Observamos, assim, que a preocupação com a vida cotidiana expressa uma posição fundamentada em convicções éticas e políticas, diante das possibilidades e expectativas abertas no período pós-stalinismo, pois o debate que Lukács entabula em *O processo de democratização*, recoloca, em um novo momento e patamar históricos, aquela que foi uma das questões fundamentais da obra leniniana: “que fazer?”. A resposta oferecida pelo revolucionário magiar no texto de 1968 nos parece clara: aprofundar a revolução socialista, ampliando e aprofundando o processo de democratização em todos os sentidos das relações sociais, até que se alcancem os mais elementares laços de sociabilidade da vida cotidiana.

V

Para fins de conclusão, mas sem nenhuma pretensão de superação – sequer de originalidade – ou de esgotamento da discussão, apontaremos uma última nota sobre o *Lenin*, de Lukács.

Podemos observar a ênfase que passa a ser dada pelo filósofo húngaro à análise da realidade concreta, em várias passagens de *Lenin*. Destacamos aqui um trecho onde este aponta para os vínculos fundamentais entre Lenin e Marx:

Mas a superioridade de Lenin [...] não pode ser esgotada com bordões do tipo “genialidade política” ou “aguçado olhar prático” etc. Trata-se antes de uma *superioridade puramente teórica* na avaliação do *processo geral*. Não há uma única decisão prática em sua vida que não tenha sido consequência material e lógica de sua imaginação teórica. E que a máxima fundamental dessa imaginação seria a exigência da análise concreta da situação concreta só desloca a questão para o terreno da *realpolitik* aos olhos daqueles que não pensam dialeticamente. *Para os marxistas, a análise concreta da situação concreta* não constitui nenhuma oposição à teoria “pura”, mas, ao contrário, o *ponto culminante da autêntica teoria*,

o ponto em que a teoria é verdadeiramente realizada e, por essa razão, transforma-se em práxis. (LUKÁCS, 2012, p. 62).

Parece-nos claro, a partir do trecho citado, que a leitura da obra de Lenin já havia produzido importantes alterações nas formulações de Lukács, sobretudo quando identificamos as análises pertinentes à relação entre teoria e práxis, que além de serem aprofundadas pelo revolucionário russo – que a levou às últimas consequências – possuem sua fundamentação nas *Teses ad Feuerbach*, quando Marx discute a temática. E a análise lukacsiana, já desse momento, capta de forma explícita o caráter essencialmente revolucionário da obra de Lenin. Ao se debruçar sobre a temática do imperialismo, a partir das elaborações leninianas, Lukács compreende que o líder da Revolução Bolchevique reproduziu, *mutatis mutandis*, o fundamento teórico-prático d’*O capital*, de Marx, qual seja: a compreensão do modo de produção capitalista, em seu momento de maior desenvolvimento, seus nexos fundantes, as contradições que o mesmo origina e desenvolve, as forças sociais que nele operam, ou seja, a totalidade histórica de seu tempo. Ainda, uma análise que aponta para a “Crítica da economia política” e, portanto, para sua necessária superação. Assim, segundo Lukács, também procederá Lenin, ao analisar o capitalismo em sua fase imperialista:

A superioridade de Lenin consiste – e esta é uma proeza teórica sem igual – em sua articulação concreta da teoria econômica do imperialismo com todas as questões políticas do presente, transformando a economia da nova fase num fio condutor para todas as ações concretas na conjuntura que se configurava então. (LUKÁCS, 2012, p. 61, grifos do autor).

A argumentação aponta para o fato de Lenin – assim como Marx, em seu tempo – ter produzido uma análise da totalidade visceralmente articulada ao projeto de transformação da mesma, reproduzindo com profunda fidelidade os fundamentos marxianos que apontam para o fato de que “os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”. (MARX, 2007, p. 535). É o que podemos observar na passagem a seguir:

A teoria do imperialismo de Lenin é menos uma teoria a respeito de seu surgimento economicamente necessário e de seus limites econômicos –

como a de Rosa Luxemburgo – do que uma teoria das forças concretas de classe que o imperialismo desencadeia e que atuam em seu interior; é a teoria da situação mundial concreta provocada pelo imperialismo. Quando Lenin investiga a essência do capitalismo monopolista, o que lhe interessa é fundamentalmente essa situação concreta mundial e a divisão de classe que daí surge [...] (LUKÁCS, 2012, p. 63).

A partir de tais observações analíticas, parece-nos claro que o contato com a obra de Lenin produziu efeitos importantes e decisivos nas concepções de Lukács já nos escritos de 1924 – mesmo que, como procuramos demonstrar, laivos de um idealismo da fase anterior ainda se faziam presentes. De qualquer modo, como dito nas linhas iniciais do presente escrito, no “caráter processual” da formação e da formulação teórica de nosso autor, as leituras e interpretações da obra leniniana presentes em *Lenin – um estudo sobre a unidade de seu pensamento* indicam importante momento desse processo, sobretudo, porque representa o início de rupturas e inflexões que incorporariam seus contornos finais nos anos seguintes, apontando para uma verdadeira inflexão ontológica em suas formulações¹⁰.

Assim, como procuramos indicar no título do presente trabalho, a reflexão e a adesão à obra de Lenin, foi fundamental na trajetória que levaria Lukács até Marx.

REFERÊNCIAS

- DEO, A. Alguns apontamentos sobre a concepção de partido em Marx – 1943 a 1948. In: DEL ROIO, M. T. *Marx e a dialética da sociedade civil*. Marília: Oficina Universitária, 2014.
- FREDERICO, C. *Lukács: um clássico do século XX*. São Paulo: Moderna, 1997.
- LENIN, V. I. *Últimos escritos e diário das secretárias*. São Paulo: Ed. José Luis e Rosa Sundermann, 2012.

¹⁰ Foge aos propósitos da presente comunicação, a discussão sobre o momento da viragem ontológica nas formulações de Lukács. Apenas à título de uma primeira indicação, apontamos para a importante contribuição de Guido Oldrini, quando este demarca os anos de estadia em Moscou, precisamente entre 1930-31, como sendo cruciais à superação dos “resquícios hegelianos” que até então estariam presentes na obra de Lukács. Tal superação derivaria do contato e das leituras dos “escritos marxianos de juventude e dos *Cadernos filosóficos* de Lenin”. OLDRINI, G. Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács. In: PINASSI, M. O.; LESSA, S. (Org.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. *Esquerdismo: doença infantil do comunismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

_____. *Sobre os sindicatos, o momento atual e os erros de Trotsky*. Disponível em: <www.marxists.org/portugues/lenin/1920/12/30.htm>. Acesso em: 1 jul. 2015.

LÖWY, M. *A teoria da revolução no jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de classe*. Barcelona: Ediciones Orbis, 1985.

_____. *Tactica y etica*. Escritos tempranos (1919-1929). Tradução Miguel Vedda. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 2005.

_____. O processo de democratização. In: COUTINHO, C. N.; NETTO, J. P. (Org.). *Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

_____. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, K. Para a crítica da economia política – Prefácio. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MCLELLAN, D. *Karl Marx: vida e pensamento*. Petrópoles: Vozes, 1990.

NETTO, J. P. *Georg Lukács: o guerreiro sem repouso*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

OLDRINI, G. Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács. In: PINASSI, M. O.; LESSA, S. *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

VEDDA, Miguel. Apresentação. In: LUKÁCS, G. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 7-25.